

## DÊIXIS E PRAGMÁTICA: UM ESTUDO DA LINGUAGEM EM CONTEXTO

### DEIXIS AND PRAGMATICS: A LANGUAGE STUDY IN CONTEXT

Suelene Silva Oliveira \*, Franklin Oliveira Silva \*\*

#### RESUMO

O trabalho “Dêixis e pragmática: um estudo da linguagem em contexto” tem como objetivo geral verificar os fenômenos dêiticos numa perspectiva pragmática. Primeiramente, definimos dêixis e abordamos noções gerais dos processos referenciais. Em seguida, com base em pesquisas de alguns teóricos, dentre os quais destacamos Levinson (2007), Fillmore (1971) e Cavalcante (2000, 2001, 2005 e 2008), apresentamos a tipologia da dêixis e suas funções. Por fim, há uma análise na qual verificamos os casos de dêiticos temporais e espaciais que possuem um caráter híbrido (apontam e retomam) e, em destaque, as ocorrências em que o elemento dêitico, embora não mencionado por meio de uma expressão marcada no enunciado, é recuperado mediante processo de cooperação entre os participantes da situação comunicativa.

**Palavras-chave:** Dêixis. Referenciação. Pragmática.

#### ABSTRACT

*The work “Deixis and pragmatics: a language study in context” aims to verify the deictic phenomena in a pragmatic perspective. First, we define deixis and approach general concepts of referential processes. After, according to Levinson (2007), Fillmore (1971) and Cavalcante (2000, 2001, 2005 and 2008), we present the Deixis typology and its functions. In conclusion, there is an analysis in which we verify the cases of temporal and spatial deictics which have a hybrid character (point and return) and, in particular, the events in which the deictic element, although not mentioned by an expression marked in the linguistic utterance, is recovered through a process of cooperation between the participants in the communicative situation.*

**Key words:** Deixis. Reference. Pragmatics.

\* Doutora em Linguística pela UFC. Professora Adjunta da Universidade Estadual do Ceará.

\*\* Doutor em Linguística pela UFC. Professor Adjunto da Universidade Estadual do Piauí.

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo pretende abordar, ainda que de forma sucinta, a importância da Pragmática para os estudos dos casos em que a dêixis se manifesta com um caráter híbrido, atuando como uma expressão indicial e referencial, mesmo quando não há menção da expressão dêitica.

Para tratar das questões que envolvem o fenômeno da dêixis, adiantamos que não é nossa intenção dar conta das questões que emergem sobre o assunto, uma vez que, dependendo da ênfase de interpretação de cada autor, observamos que há, por vezes, destaque ora nos aspectos linguísticos, ora nos cognitivos, ou, ainda, nos contextuais.

A condição de subjetividade, no entanto, é o que torna a dêixis um fenômeno ainda mais complexo, porque, como veremos ao longo dos exemplos, nem sempre uma expressão que contém um elemento dêitico pode ser considerada uma expressão puramente dêitica e, muitas vezes, uma expressão pode ter um uso dêitico sem conter um elemento dêitico em si.

Toda a nossa análise levará em consideração as dimensões da pragmática, verificando as sentenças enunciadas num contexto e a contribuição do contexto para especificar qual proposição a sentença expressa nessa ocasião de enunciação.

## 2 DÊIXIS: CONCEITOS CLÁSSICOS

A noção de dêixis que adotaremos neste artigo remete a certos signos definidos como pistas que mostram o sujeito na produção do enunciado. Achamos conveniente, entretanto, recorrer ainda a algumas definições que nos oferecem os estudiosos do campo da linguagem a respeito da questão.

A palavra dêixis é de origem grega e refere-se à ação de mostrar, indicar, assinalar. Mas, para os gregos, somente os demonstrativos faziam parte dessa categoria. De acordo com Parret (1988), a noção de dêixis surge da referência gestual, isto é, no fato de o enunciador identificar o referente por meio de um gesto corporal. Ducrot e Todorov (1982, p. 379) conferem essa equivalência da dêixis à enunciação, assim como a maioria dos linguistas, ao atribuírem a denominação aos elementos da língua que se modificam conforme a situação de discurso em que são utilizados. Assim, os autores, ao conceituarem enunciação, priorizam os elementos que pertencem ao código da língua, mas cujo sentido, no entanto, depende de fatores que variam de uma enunciação para outra. Os exemplos são: eu, tu, aqui, agora etc. Eles reconhecem em Jespersen, Jakobson e, principalmente, em Benveniste os linguistas que maiores contribuições trouxeram ao tema naquele momento.

Para tratar de dêixis, adotaremos a visão de alguns autores que julgamos mais adequados ao propósito estabelecido nesta pesquisa. Entre eles, selecionamos inicialmente o conceito de dêixis estabelecido por Levinson (2007, p. 65):

Essencialmente, a dêixis diz respeito às maneiras pelas quais as línguas codificam ou gramaticalizam traços do contexto da enunciação ou do evento de fala e, portanto, também diz respeito a maneiras pelas quais a interpretação das enunciações depende da análise desse contexto de enunciação.

Essas formas dêiticas “ancoram” a enunciação para que a interpretação seja possível, para que a significação parta de algum lugar conhecido: o sujeito que enuncia, ou seja, o eu é o ponto de referência para desencadear o processo de enunciação.

Os exemplos mais comuns de dêixis são, segundo Levinson (2007, p. 65):

Os usos dos demonstrativos, dos pronomes da primeira e da segunda pessoa, do tempo verbal, dos advérbios de tempo e lugar específicos como *now*, “*agora*”, e *here*, “*aqui*”, e uma variedade de outros traços gramaticais ligados diretamente às circunstâncias da enunciação.

Outra visão aqui adotada é a de Benveniste (1988), que assevera, com propriedade, que a dêixis ou as formas dêiticas são o próprio aparelho formal da enunciação, os traços linguísticos observáveis no enunciado que inscrevem a subjetividade dos participantes da comunicação. Isso é o que, para ele, define a dêixis. E isso é o que, para nós, reforça a ideia de que estudar a dêixis é também estudar o texto sob um olhar pragmático.

Partiremos, a seguir, para uma tipologia dos casos de dêixis com a finalidade de ilustrar melhor esse fenômeno linguístico.

## 2.1 TIPOS DE DÊIXIS

Há, segundo a classificação tradicional, três tipos de dêixis: dêixis pessoal, temporal e espacial.

Para definir uma tipologia adequada aos nossos propósitos, adotamos a explicação de Fillmore, que afirma que a dêixis revela, entre outros aspectos,

a identidade dos interlocutores na situação de comunicação, coberta pelo termo **dêixis de pessoa**; o lugar ou lugares nos quais esses indivíduos estão localizados, para os quais temos o termo **dêixis de lugar**; o tempo em que se dá o ato comunicativo – para isto, precisamos distinguir o “*encoding time*”, o tempo no qual a mensagem é enviada, do “*decoding time*”, o tempo no qual a mensagem é recebida – os dois juntos estão sob o título de **dêixis de tempo**; a matriz de material linguístico de que faz parte o enunciado, isto é, as partes precedentes e consequentes do discurso, a que nós nos referimos como **dêixis discursiva**; e os relacionamentos sociais por parte dos participantes da conversação, que determinam, por exemplo, a escolha dos níveis discursivos honoríficos ou polidos, ou íntimos ou insultantes, etc., que podemos agrupar todos sob o termo **dêixis social** (FILLMORE, 1971, p. 39).

Por uma razão metodológica, decidimos abordar apenas dois tipos de dêixis: a temporal e a espacial. Acreditamos que as pistas que revelam o tempo e o local da enunciação podem revelar também um caráter anafórico, o qual será detalhado em um outro tópico deste trabalho.

### 2.1.1 A dêixis temporal

A dêixis temporal remete a um tempo só identificável se considerado a partir da posição temporal dos falantes da enunciação. É um tempo dinâmico.

É importante ressaltar que devemos diferenciar quando expressões temporais são dêiticas ou não. Vejamos os exemplos:

- (1) **Na semana que vem**, irei viajar.
- (2) **No próximo mês**, estarei de férias.
- (3) **Depois de amanhã**, ligarei para você.

Nos exemplos (1), (2) e (3), o tempo das informações tem como base o tempo do enunciador, ou seja, só é possível identificar “Na semana que vem” como a semana seguinte àquela em que foi proferido o enunciado, e assim com os demais casos. São considerados, portanto, dêiticos temporais, pois precisamos recorrer ao tempo em que se encontra o falante para compreender as sentenças.

### 2.1.2 A dêixis espacial

A dêixis espacial, nas palavras de Levinson (2007, p. 97), “diz respeito à especificação de localizações relativamente aos pontos de ancoragem no acontecimento discursivo”.

A dêixis de lugar se caracteriza quando a expressão tiver como referencial a orientação espacial do enunciador ou do destinatário em relação a ele no momento da enunciação. Vejamos o exemplo seguinte:

(4) Deixei a encomenda **aqui**.

Em (4), “aqui” aponta para o espaço em que se acha o enunciador, dentro da enunciação que se efetiva próximo ao falante.

Além do aspecto indicial, há outra possível função para os elementos dêiticos: a referencial. Muitas vezes, ao sinalizar para o interlocutor a noção de tempo ou de espaço pretendida na enunciação, o enunciado faz uso de uma expressão referencial com função dêítica, a qual pode manter um caráter híbrido e não excludente. Para compreendermos melhor essa questão, abordaremos a seguir algumas noções do que vem a ser referenciação.

## 3 REFERENCIAÇÃO: UMA PERSPECTIVA PRAGMÁTICA

A referência, segundo Mondada (apud KOCH; MORATO; BENTES 2005, p. 34), é um assunto abordado de forma clássica pela “filosofia da linguagem, da lógica e da linguística: nesses quadros, ela foi historicamente posta como um problema de representação do mundo, da verbalização do referente, em que a forma linguística selecionada é avaliada em termos de verdade”. A partir das concepções desses campos teóricos, Mondada propõe atualmente a substituição da noção de referência pela de referenciação e, em consequência, da noção de referente pela de objeto-de-discurso.

Nessa perspectiva, Koch (MONDADA, 2001, apud KOCH; MORATO; BENTES, 2005, p. 33) “não privilegia a relação entre as palavras e as coisas, mas a relação intersubjetiva e social no seio das quais as versões do mundo são publicamente elaboradas, avaliadas em termos de adequação às finalidades práticas e às ações em curso dos enunciadores”. Assim, observamos que os interlocutores, no interior dessas operações de referenciação, produzem discursos concebidos com entidades constituídas nas e pelas suas formulações comunicativas.

A referenciação, portanto, conforme evidencia Koch (2005, p. 34-35), constitui uma atividade discursiva, e não apenas um objeto autônomo e externo às práticas discursivas. Na realidade, tanto as formas de referenciação como os processos de remissão textual compreendem escolhas do sujeito, relativas ao “querer-dizer”, adquirindo, então, a característica de um processo estratégico dos sujeitos sociais atuantes.

Cavalcante (2005) menciona a defesa de Apothélos e Reichler-Béguelin (1995) de que o processo de referenciação não ocorre apenas no simples emprego de expressões referenciais, mas,

sim, que o referente se dá através de um conjunto de ações, do modo pelo qual os coenunciadores conversacionais ajustam suas ações e da forma pela qual constroem os sentidos nos eventos comunicativos. Dessa forma, a pesquisadora ressalta:

Em uma perspectiva de cognição social interacionalmente situada, ou praxiológica, dizemos que é da interrelação entre língua e práticas sociais que emergem os referentes, ou “objetos-de-discurso”, por meio dos quais percebemos a realidade que, por sua vez, nos afeta. Os referentes passam a ser, assim, não uma entidade congelada que herdamos e transferimos, mas uma instância de referencialidade constitutivamente indeterminada e efêmera (CAVALCANTE, 2005, p. 125).

Com isso, Cavalcante se alinha a Marcuschi (2004, p. 263-64), ao indicar que “o melhor caminho não é analisar como representamos, nem como é o mundo ou a língua e, sim, que processos estão envolvidos na atividade de referenciação em que a língua está envolvida”.

Diante disso, podemos referendar que o mundo e o discurso conversacional integram um processo dinâmico, viabilizado pelos sujeitos sócio-cognitivos, e não sujeitos individualizados e isolados “em um mundo pronto”.

Quando se trata de referenciação, é possível dizer que todo processo referencial possui uma propriedade de apontar para um dado objeto reconhecível a partir de pistas muito diversificadas. Podemos dizer, com Lyons (1977), que todo processo referencial envolve um elemento dêitico, já que aponta para pistas vindas do espaço e do tempo real em que se situam os enunciadores, da memória compartilhada, do cotexto, das supostas intenções enunciativas de cada um e do contexto sócio-histórico do momento, todos colaborando, ao mesmo tempo, para que os referentes se configurem na mente dos participantes da enunciação.

Segundo Cavalcante (2008, no prelo), os processos referenciais se dividem em duas categorias: se os referentes são introduzidos no texto pela primeira vez, são chamados de introdução referencial; se já foram de algum modo evocados por pistas explícitas no cotexto, são chamados de continuidades referenciais, isto é, de anáforas.

Para visualizar melhor essa divisão, vejamos o seguinte exemplo:

- (5) A professora tenta ensinar matemática para o Joãozinho.  
– Se eu lhe der quatro chocolates hoje e mais três amanhã, você vai ficar com... com... com...?  
E o garoto:  
– Contente! (BUCHWEITZ, de Donaldo. Coleção 50 Piadas – Matemática)

Em (5), podemos classificar as expressões “professora” e “Joãozinho” como introduções referenciais, pois não havia pistas anteriores que evocassem tais referentes no discurso. Já a palavra “garoto” é uma retomada de “Joãozinho” e, portanto, é classificada como anáfora.

Paralelamente aos casos de introdução referencial e de anáfora, existe outro fenômeno, que pode ocorrer ou independentemente desses dois, ou se sobrepondo a eles: é a chamada dêixis. Para construir o referente dessas expressões, é preciso analisá-las como que dentro de outro campo, um campo dêitico, pois elas exigem o conhecimento do lugar ou do tempo em que se encontra o enunciador, e é esse campo que nos interessa neste artigo, em especial.

A partir de uma visão de que toda pesquisa linguística que desconsidere a interação de variados contextos (incluindo-se nisso o cotexto, a situação imediata de comunicação, o conhecimento sociocultural e o partilhamento sócio-cognitivo dos interlocutores) se torna insuficiente e insatisfatória, propomos, neste trabalho, uma visão de referenciação como atividade essencialmente

cooperativa (GRICE, 1982), em que os “coenunciadores” dispõem de diversas pistas, em parte convencionadas na própria língua, para reconhecer os diferentes espaços ou “campos dêiticos” em que se situam os objetos para os quais construirão uma representação mental de referentes.

Os referentes, tal como os significados, não podem ser entendidos como a própria realidade exterior, nem podem ser considerados fora de nossas práticas sócio-comunicativas em contextos particulares. Referentes não são, pois, as coisas em si mesmas, mas, como diz Blikstein (1983), são uma “realidade fabricada”, que idealizamos não somente com base no que as expressões referenciais significam, mas também sob a influência do que aprendemos em nossa cultura, como se esses padrões fossem “óculos sociais”.

Por tudo isso, talvez se possa dizer que a interpretação dos elementos dêiticos e/ou referenciais não é apenas uma questão de implicaturas (pragmáticas), nem de pressuposições (semânticas), e sim uma questão de representações ou de espaços mentais gerados no contexto discursivo e com objetivos específicos. Assim, a perspectiva que considera processos cognitivos na construção referencial anafórica parece estar mais perto do acerto.

#### 4 A DÊIXIS NA DINÂMICA TEXTUAL

Como dissemos anteriormente, decidimos abordar, em nossa análise, apenas dois tipos de dêixis: a temporal e a espacial. Acreditamos que as pistas que revelam o tempo e o local da enunciação podem revelar também um caráter anafórico, o qual será detalhado nos textos a seguir.

Tentaremos ilustrar o que é dêixis no seguinte exemplo:

(6) Trimmmm... Trimmmm... Obrigada por ter ligado para o Instituto de Saúde Mental, a companhia mais certa para seus momentos de maior loucura... Se você é obsessivo-compulsivo, aperte repetidamente o número 1... Se você é codependente, peça a alguém que aperte o número 2 por você... Se você tem múltiplas personalidades, aperte 3, 4, 5 e 6... Se você é paranoico, nós sabemos quem você é, o que você faz e o que quer, espere na linha enquanto rastreamos sua chamada... Se você sofre de alucinações, aperte o 7 **nesse telefone colorido gigante** que você, e só você!, vê a sua direita... Se você é esquizofrênico, escute cuidadosamente e uma voz interior lhe indicará o número a pressionar... Se você é depressivo, não importa que número aperte, nada vai lhe tirar de sua lamentável situação... Porém, se você votou no Lula, não tem jeito! Desligue e espere até o final de 2010, aqui atendemos loucos e não imbecis... (Disponível em: <http://www.escutaisso.com.br/humor/piada/call-center-do-manicomio>. Acesso em: 2 dez.).

No exemplo (6), destacamos um caso de dêixis que comprova a necessidade do contexto para a compreensão do enunciado. Na expressão destacada “nesse telefone colorido gigante”, observa-se a intenção de apontar para o espaço em que interlocutor (no caso, o ouvinte da gravação) está, além do objeto que se encontra posicionado diante dele. A noção de espaço é reforçada no mesmo exemplo, mais adiante, na expressão “a sua direita”. O exemplo (6) é classificado, portanto, como um caso de dêixis espacial.

Um caso semelhante é analisado por Cruz (2008, p. 19) no exemplo a seguir:

(7) “Paulo é aquele **à esquerda** de João”.

Cruz (2008) afirma que, em (7), há duas orientações locativas: uma delas funciona como dêitica, quando orienta um posicionamento a partir do enunciador. A outra orientação, que não é

dêítica, e sim referencial, aponta para o lado esquerdo do corpo de João. Em (7), em vez de ambiguidade, temos um caso de indicialidade híbrida: ao mesmo tempo em que a expressão destacada dá uma orientação locativa, ela também ajuda a construir um referente dentro do contexto.

O processo híbrido também pode ser reconhecido no exemplo a seguir:

(8)  
VILAREJO  
Composição: Marisa Monte, Pedro Baby,  
Carlinhos Brown e Arnaldo Antunes.

Há um vilarejo **ali**  
Onde areja um vento bom  
Na varanda, quem descansa  
Vê o horizonte deitar no chão

Pra acalmar o coração  
**Lá** o mundo tem razão  
Terra de heróis, lares de mãe  
Paraíso se mudou para lá.  
[...]

Os termos “ali” e “lá”, em (8), podem ilustrar o comentário anterior. Ambos, além de reportar para um local (função dêítica), têm uma função discursiva importante para o texto, pois ajudam a elaborar o referente, mesmo que vagamente. Embora o interlocutor não conheça ou não consiga acessar o referente específico, de forma exata, pode acessá-lo com a ajuda dos indícios contextuais presentes no texto. Trata-se, portanto, de uma função referencial que, unida à função dêítica, sinalizam para a construção da entidade referida. Isso só é possível porque o enunciador pressupõe que o seu interlocutor, pela interação, consegue acessar os conhecimentos necessários para elaborar o sentido pretendido. A referida estratégia referencial é nomeada por Givón (1990) como acessibilidade.

Já em (9) temos um exemplo de dêixis temporal:

(9) Nunca imaginei que fosse reunir os nomes de Contardo Calligaris e Clodovil em um mesmo texto, mas a vida quis que, **no dia do enterro do costureiro transformado em apresentador e deputado**, eu atendesse ao gentil convite do colunista e psicanalista para assistir à sua estreia como dramaturgo, em “O Homem da Tarja Preta”, um monólogo interpretado pelo ator baiano Ricardo Bittencourt no qual Contardo derruba a tiros de canhão os estereótipos sobre a libido masculina (Barbara Gancia, *Folha de São Paulo*, 21/03/2009).

A dêixis de tempo funciona, segundo Fillmore (1971), à maneira de um calendário, com a missão de localizar acontecimentos em um intervalo de tempo. Em (9), a expressão em destaque – *no dia do enterro do costureiro transformado em apresentador e deputado* – tem função dêítica, uma vez que se tomou como ponto de referência o momento em que o deputado Clodovil foi enterrado. O evento foi localizado a partir de uma base temporal mutável, subjetiva, que varia conforme a localização do enunciador no tempo de formulação (não importa quão vago ele pareça ser).

Mas não é apenas a dêixis que pode ser observada nos exemplos analisados até aqui. A capacidade de representar segmentos discursivos ou até mesmo referentes, tendo por ponto de referência o momento ou o espaço da enunciação, é outra função possível dos elementos dêíticos. O papel referencial merece, pois, destaque numa análise de olhar pragmático.

É a partir dessa concepção que se pode observar, também, o motivo pelo qual as informações – ou pistas textuais – caracterizam as diversas dimensões necessárias para a construção do sentido: cognitivas, psicológicas, sociais e culturais; que estão envolvidas na ação discursiva.

Ainda no exemplo (9), a jornalista Barbara Gancia deve pressupor que o leitor do jornal Folha de São Paulo, periódico de circulação nacional, possui os conhecimentos necessários para a compreensão do sentido do episódio relatado: o enterro do Clodovil. Essa pressuposição só é possível porque o interlocutor domina as condições de produção e interage com o texto, reformulando as informações escolhidas pela jornalista e atribuindo sentido a elas.

Os casos apresentados até aqui são exemplos de deiticidade marcada pela menção da expressão, o que facilita o reconhecimento por parte do leitor. Mas há casos incomuns, embora bastante recorrentes, em que a deiticidade surge mesmo na omissão da expressão que deveria localizar o enunciador no tempo ou no espaço. É o que veremos na tirinha a seguir:

(10)



Fonte: [http://www.tiagonepomuceno.com.br/tirinhas/ele\\_chegou.jpg](http://www.tiagonepomuceno.com.br/tirinhas/ele_chegou.jpg)

Na ocorrência (10), observamos no segundo quadrinho o verbo “cheguei”, que, em uma situação descontextualizada, poderia remeter ou a uma noção de tempo (hoje, ontem), ou de lugar (em casa, no trabalho). Na tirinha em questão, o enunciador omite os complementos possíveis por pressupor que seu interlocutor, numa coatividade, presentifica conhecimentos comuns aos interlocutores, tornando acessíveis conhecimentos necessários para o entendimento do texto. Esses casos acontecem porque há, na linguagem em uso, um processo de economia da própria língua que evita a utilização de termos considerados desnecessários pela própria situação enunciativa. Tal processo vai ao encontro dos pressupostos das Máximas Conversacionais de Grice (1981), os quais postulam que, num diálogo, as pessoas devem contribuir para que a comunicação seja eficaz, e, para isso, é necessário observar alguns princípios como a clareza, a relevância, a objetividade.

Embora não seja o foco da nossa pesquisa, é importante salientar, de forma breve, os recursos multimodais – as imagens, as marcas tipográficas – presentes na tirinha analisada. Em (10), a sequência de imagens que configuram o ato de receber alguém em casa: o toque da campainha, o abrir a porta, o anúncio de chegada remetem a uma cena habitual e, por isso, contribuem para o entendimento do que está implícito no verbo “Cheguei!!!”, no caso, “aqui”, fazendo referência ao posicionamento do enunciador. Mais uma vez, reconhecemos a grande contribuição dos estudos pragmáticos para a compreensão de fenômenos que extrapolam a superfície textual.

Dessa forma, a análise dos elementos dêiticos, em qualquer enunciado, deve ultrapassar a função de “apontar” para um referente. Mais que isso, é necessário olhar para o contexto e as intenções dos interlocutores, em que o “dizer é fazer”.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção inicial desta pesquisa foi verificar os fenômenos dêiticos numa perspectiva pragmática. Para isso, fizemos uso dos conceitos clássicos de dêixis e de noções gerais dos processos referenciais.

Ao longo da análise, verificamos os casos de dêiticos temporais e espaciais que possuem um caráter duplo: localizam e retomam, ou, ainda, localizam e constroem o referente. Ressaltamos como contribuição mais significativa desta pesquisa as ocorrências estudadas em que o elemento dêitico, embora não mencionado por meio de uma expressão marcada no enunciado, é perfeitamente recuperado por um processo de cooperação em que os interlocutores recorrem ao contexto para recuperar as informações implícitas no texto.

Por não termos analisado somente aspectos puramente estruturais das expressões dêiticas, mas termos considerado todo o exercício discursivo com as suas circunstâncias de produção, numa dimensão pragmática, acreditamos ter caminhado em direção a uma maior validade das conclusões às quais chegamos, que, entretanto, podem ser consideradas provisórias. Há necessidade, então, de empreender pesquisas posteriores no sentido de ampliar a amostra. Essas novas questões e possibilidades poderão ser enfrentadas em pesquisas posteriores e, certamente, serão valiosos complementos para os resultados do nosso trabalho.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APOTHÉLOZ, D.; REICHLER-BÉGUELIN, M-J. Construction de la référence et stratégies de designation. Neuchâtel: Institute de linguistique de l'Université de Neuchâtel. *Tranel*, v. 23, p. 227-271, 1995.
- BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1988.
- BLIKSTEIN, I. *Kaspar hause ou a fabricação da realidade*. São Paulo: Cultrix: EDUSP, 1983.
- BUCHWEITZ, D. *Coleção 50 Piadas: Matemática*. São Paulo: Ciranda Cultural, [200-?].
- CAVALCANTE, M. M. A dêixis discursiva. *Revista de Letras*, Fortaleza: UFC, 2000.
- CAVALCANTE, M. M. *Expressões indiciais e anáforas indiretas*. In: CONGRESSO E COLÓQUIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DO DISCURSO, 4, 2001, Recife. Anais... Recife: UFPE, 2001. Fotocopiado.
- CAVALCANTE, M. M. A dêixis discursiva. *Revista de Letras*, Fortaleza, v.1/2, n. 22, p. 23-32, 2005.
- CAVALCANTE, M. M. *Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas*. Fortaleza, 2008. No prelo.
- CAVALCANTE, M. M. Processos referenciais e relações discursivas. In: JORNADA NACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, 22, Maceió, 2008. Anais... Maceió: GELNE, 2008.
- CAVALCANTE, M. M.; BIASI-RODRIGUES, B; CIULLA, A. (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.
- CRUZ, J. D. O. *Os processos dêiticos no discurso literário*. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.
- DUCROT, O; TODOROV, T. *Dicionário das ciências da linguagem*. 6. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1982.

- ESCUITA ISSO. Call center do manicômio. [2009?]. Disponível em: <<http://www.escutaisso.com.br/humor/piada/call-center-do-manicomio>>. Acesso em: 2 dez. 2009.
- FILLMORE, C. *Lectures on deixis*. California: CSLI Publications, 1971.
- GANCIA, B. Não se fazem mais machos como Clodovil. *Folha de São Paulo*, Caderno Cotidiano, São Paulo, p. 7, 21 mar. 2009.
- GIVÓN, T. *Syntax I*. New York: Academic Press, 1990.
- GRICE, H. P. Lógica e conversação. In: DASCAL, M. *Fundamentos metodológicos da linguística: Pragmática*. Campinas: IEL: Unicamp, 1982. v. 4.
- KOCH, I. G. V.; MARCUSCHI, L. A. Processos de referenciação na produção discursiva. *Revista Delta*, São Paulo, v. 14, 1988.
- KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.
- LEVINSON, E. C. *Pragmática*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977. v. 1.
- LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977. v. 2.
- MARCUSCHI, L. A. O léxico: lista, rede ou cognição social? In: FOLTRAN, M. J. (Org.). *Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto, 2004.
- MONTE, M. *et al. Vilarejo*. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/marisa-monte/441705/>>. Acesso em: 29 nov. 2009.
- PARRET, H. *Enunciação e pragmática*. Campinas, SP: Unicamp, 1988.